

Ana Mae Barbosa

É doutora em Humanistic Education pela Boston University.  
Atualmente é professora titular aposentada da Universidade de São Paulo  
e professora da Universidade Anhembi - Morumbi.

RESUMO

Este texto é parte da avaliação encomendada pelo Canal Futura sobre o Projeto "Toda Beleza", para o qual a autora produziu também um texto teórico a ser publicado brevemente em livro.

# Cultura visual e Canal Futura



“Cultura Visual” é uma disciplina que entrou no mundo escolar nos anos 1990. Professores universitários, insatisfeitos com as limitações das análises formalistas dos historiadores da arte, começaram a questionar essas limitações, como já o haviam feito os professores de literatura em relação à história da literatura, quando criaram a disciplina “Estudos culturais”. Por outro lado, sociólogos e antropólogos, passado o período de demonização da indústria cultural, tiveram seu interesse despertado para investigações sobre a influência da mídia e sobre a função da visualidade em termos de valores e identidades comunicados pelas imagens.

Já há muitos programas universitários de graduação e pós-graduação em Cultura Visual no exterior. No Brasil temos o programa de pós-graduação em Cultura Visual da Universidade de Goiás, além de disciplinas com esse nome em várias universidades.

Fala-se que vivemos na era visual, mas não se observa preponderância do visual sobre o verbal. Ambos se integram no que chamamos cultura da tela: cinema, Internet, TV. A cultura da tela, esta sim, é a cultura dominante de nosso tempo. Formula questões, circula informações, provoca prazer. Essas funções são aprofundadas se não vemos apenas com o olhar turista, mas também com o olhar analítico e contextualizado. Para isso precisamos evitar o centrismo ocular e substituí-lo pela

exploração da imagem como experiência da qual a acuidade visual vai se alimentando. O objetivo é nos tornarmos visualmente autoconscientes e, melhor, descobrirmos quais conhecimentos podemos extrair das imagens aliadas às palavras.

O centrismo ocular deixa o observador passivo, estático diante da imagem (JAY, 1988). Trata-se do modo de ver cartesiano, perspectivista da Renascença. Para Jay (1988), há três modos de ver: o já mencionado, o empirismo observacional e a visão barroca. O empirismo observacional associa-se à pintura holandesa do século XVII, que leva o observador a examinar os detalhes da imagem. Já a visão barroca, em virtude da exageração pictórica, na impossibilidade de dar conta de todos os elementos, leva o observador a escolher os que mais atraem sua percepção e com eles organizar uma narrativa peculiar sobre a imagem original.

A essa categorização de Jay (1988) acrescento a visão cubista, que, juntamente com a visão barroca, corresponde aos ideais pedagógicos da pós-modernidade. Estes, por sua vez, aliam-se à cultura da tela para sua realização. A visão cubista descortina a imagem observada de diversos pontos de vista diferentes e busca, além da imagem, o seu contexto.

Os doze programas produzidos pelo Canal Futura para o projeto “Toda Beleza”, vistos através da visão barroca e da visão cubista, representam o campo expandido da sensação de preenchimento que a experiência de beleza provoca. Que experiência é essa?

Vamos a uma parábola. Uma cidade foi construída num vale rodeado de montanhas. Era difícil chegar e sair de lá, pois as montanhas passavam o ano

A CULTURA DA TELA, ESTA SIM, É A CULTURA DOMINANTE DE NOSSO TEMPO.  
FORMULA QUESTÕES, CIRCULA INFORMAÇÕES, PROVOCA PRAZER. ESSAS FUNÇÕES  
SÃO APROFUNDADAS SE NÃO VEMOS APENAS COM O OLHAR TURISTA, MAS  
TAMBÉM COM O OLHAR ANALÍTICO E CONTEXTUALIZADO.

---

todo cobertas de neve. Os habitantes da cidade as viam como impedimento à comunicação e ao comércio, fonte de frio e avalanches. Nunca as viram como beleza, mas como opressão e perigo. Um dia chega um fotógrafo forasteiro à cidade e faz magníficas fotografias das montanhas, que passam às páginas das revistas de todo o mundo como imagens de beleza inusitada. Eram as montanhas bonitas em si mesmas ou só passaram a ser bonitas depois que o fotógrafo as converteu em beleza? A beleza está no olhar do observador ou as coisas podem ser bonitas mesmo que ninguém as veja como tal? Ou beleza depende de nossa experiência com as coisas? Se for, que tipo de experiência garante que algo é belo? É a experiência da beleza única e irredutível? É a beleza de um objeto uma qualidade do modo como o vemos ou uma qualidade que ele realmente tem?

Os doze programas especiais para a série “Toda Beleza” do Canal Futura podem ser encarados como um currículo de cultura visual para um ano acadêmico de classes do ensino fundamental ao ensino superior e ensino não formal.

Os programas lidaram com a beleza da diferença, do diferente, da similaridade, das transformações, da natureza e do artefato, das relações humanas, da individualidade e do coletivo. São doze programas dos quais dez são irrepreensíveis, inventivos e estimulantes de infindáveis discussões.

Vou tentar analisá-los tendo como eixo as relações entre o ver, o contextualizar e o fazer, que compõem a abordagem triangular de ensino da arte. Acompanhem o texto vendo os filmes no endereço: [www.futura.org.br](http://www.futura.org.br)

Casa de pedra enfeitada – a beleza do diferente

Sugiro que o professor mostre o filme primeiramente sem imagem. Peça a seus alunos para imaginarem e descreverem como seria essa casa de que fala seu dono. Nesse filme o texto se sobrepõe à imagem, por isso proponho ouvi-lo primeiro. O texto sugere problemas sobre arte a serem discutidos por qualquer grupo de qualquer idade. Sugere também imagens. Deixemos que elas aflorem na mente de cada um.

Pediria às classes de 1ª a 4ª série que desenhassem uma casa anormal, segundo seu ponto de vista, mas bonita. Só então mostraria o filme na íntegra.

Tópicos para discussão: A casa de pedra enfeitada é arte ou não é? Arte para o artista é trabalho ou prazer? O artista define arte como trabalho quando diz que lamenta ter de trabalhar fora, logo o que faz em casa é trabalho. Mas também define arte como prazer, o seu maior prazer. E para os alunos, arte é trabalho?

O artista diz que não pode delegar a outra pessoa o trabalho de fazer sua casa. Por quê?

O que você faz para você que só você pode fazer? Qual a diferença da Casa de pedra para a Casa das estrelas?

Para o artista, criar formas em sua casa, ir a um museu ou ler dá mais prazer que ir a um bar beber e comer. O que vocês fazem por prazer? Sua casa é arrumada como você gosta? O que em sua casa pode ser embelezado com materiais diferentes, gastando muito pouco dinheiro? E na escola? Procure o exemplo de uma coisa que não é comum, não é normal, mas é bonita.

Mostrar aos alunos reproduções das obras de Gaudí em Barcelona. Comparar com A casa de pedra enfeitada. Introduzir a discussão sobre o erudito e o popular. Galé era um artista erudito e o artista da casa de pedra enfeitada nunca estudou arquitetura, muito menos arte. É pobre, não tem cultura formal aprendida na escola, daí ser considerado popular. Será que essa distinção é mais classista que estética? Eles têm o mesmo valor de mercado? E o mesmo valor intrínseco?

Chamar a atenção para o preconceito que ainda existe quanto à arte popular, porque é feita pelos pobres. Nesse filme, segundo o artista, a fonte de sua arte é o amor à beleza da natureza, mas ele explora as formas de artefatos descartáveis e de objetos, em sua casa. Será que sua afirmação vincula-se ao fato de que ele, para sobreviver, trabalha como jardineiro? A relação que ele estabelece entre a arte e a natureza será uma circunstância biográfica, uma opinião pessoal ou uma verdade absoluta? Existe verdade absoluta em arte?

Ouviu o fundo musical do filme? Que instrumentos se destacam? Por que será que o diretor usou essa música?

Três casais – a beleza das relações humanas duradouras

Nesse filme, texto e imagem integram-se magistralmente. O filme é bem-humorado. A imagem brinca com os detalhes. A cor valoriza da mesma maneira os diferentes ambientes. Se os alunos viram o filme anterior, comparar as rupturas da narrativa de Três casais com a linearidade da imagem de A casa de pedra enfeitada. Fazer prestar atenção à música e, se possível, comparar também a persistência e a variedade em um e outro.

Esses três casais têm o mesmo nível econômico e cultural? Comente as diferenças. É ocasião para se discutir a relação entre o nível econômico e cultural no país. Se o nível cultural se eleva, é possível melhorar o nível econômico? O que é comum aos três casais? Entre muitas coisas, a arte faz parte da vida dos três. Como? (Dança, poesia, canto).

Analise as casas. Como as definiria? O que o cineasta mostra do lugar em que vivem? Descreva o salão de baile. O que o faz parecer bonito?

Qual o papel das mulheres nos três casais? E hoje, qual o papel da mulher no casamento?

Por que um homem que parece tão inofensivo era constantemente preso? O que é comunismo? Seria interessante o trabalho interdisciplinar com um(a) professor(a) de História para comentar os períodos de perseguição a supostos comunistas na Segunda Guerra Mundial pelos nazistas e no Brasil durante o Estado Novo (1936-1945) e a ditadura militar (1964-1984). Também na disciplina Português se poderia ler o livro de Lygia Bojunga Nunes sobre Tomie Ohtake, que aborda de maneira muito sutil o problema da ditadura militar. Como o tempo mudou a sociedade politicamente? E do ponto de vista dos costumes? Como são os namoros hoje? Qual o medo que ronda as relações amorosas hoje?

Você sabe como seus pais se conheceram? E suas avós? É possível ver beleza na velhice?

O professor pode propor que fotografem velhos de suas relações ou na rua. Trazer as fotografias para a aula e compará-las, falar sobre elas.

Com crianças que não têm acesso a câmeras fotográficas, pode-se focar na beleza das relações amorosas de pais e filhos, jovens namorados, velhos, etc. Propor que recortem de jornais e revis-

tas casais ou crianças com os pais e tragam para a escola, a fim de comentar a representação da afeição, que vai além da beleza. Aos pequenos pedir que recortem fotos de adultos com crianças e tragam para a aula, para comentar sobre o que acham que a criança da foto sente pelo adulto retratado.

O(a) professor(a) poderá mostrar imagens da arte como: Ivan Albright, Auto-retrato, 1935, The Art Institute of Chicago e Domenico Ghirlandaio, 1480, Um homem velho e seu neto, Museu do Louvre e fotos de velhos de Sebastião Salgado. Essas obras geram perguntas como: uma obra de arte pode ser bonita se o seu objeto é feio? Crianças de pouca idade certamente dirão que não, assim como responderão “não” à mesma pergunta formulada de outra maneira, tal como: a pintura de uma coisa feia pode ser uma pintura bonita?

Os mais velhos pensarão cuidadosamente antes de responder a perguntas como essas, e o pensar leva a desenvolver a percepção das imagens e da arte (PARSONS, 1995).

Dizer que uma coisa é bonita é a mesma coisa que dizer que gosta dela? Você pode gostar de uma coisa feia? Você pode não gostar de uma coisa e ela não ser feia? Eu não gosto de comida com pimenta, mas isso não quer dizer que comida com pimenta é feia. Discussões como essas mostram que algumas vezes há subjetividade no nosso julgamento de beleza e outras vezes julgamos de acordo com padrões estabelecidos pelo nosso tempo e nossa sociedade.

Banquete do rei – a beleza do ritual e da ação coletiva

O filme privilegia os costumes do candomblé e não suas práticas religiosas, o que o torna exce-

lente para ser usado em escolas, onde é necessário respeitar a pluralidade religiosa e a separação entre Estado e religião.

Quanto mais antiga a religião, mais complexa em rituais e mais sedutora através da beleza dos objetos e do apelo a todos os sentidos. Esse apelo é muito claro nas imagens do filme e no texto (no candomblé tudo começa na cozinha, diz a mãe de santo).

Fazer notar no filme a articulação entre esse apelo e os sentidos, os bons odores, o gosto da comida, a impregnação do som, os movimentos, as vestimentas. O candomblé é para muitos uma religião, mas, para os que têm outra religião ou os que não têm religião nenhuma, pode ser considerado uma rica manifestação cultural e como tal estudado e reconhecido. O candomblé consolidou e trouxe até nossos dias as tradições africanas que aqui aportaram com os escravos.

Com a professora de História, lembrar que o candomblé foi perseguido durante muito tempo e seus adeptos, presos. Por isso, aproximaram os altares e o nome dos orixás do nome dos santos católicos para a polícia pensar que estavam rezando, por exemplo, para Nossa Senhora, quando o estavam fazendo para Yemanjá. Com classes mais adiantadas, trabalhar com as professoras de Português e Estudos sociais os conceitos de sincretismo e hibridismo, apontando as diferenças de significado e as implicações para a história cultural.

Notar a preocupação com limpeza demonstrada pela mãe de santo (da limpeza das cadeiras à limpeza dos frangos: “Não quero ver uma peninha nestes frangos”, diz a mãe de santo). É comum às religiões se preocuparem em educar para a higiene, para preservar a vida, que consideram sagrada. Os judeus até hoje não comem carne de porco e essa proibição começou há milhares de anos, porque o porco transmitia muitas doenças. A proibição continuou até hoje, quando a carne de porco voltou a ser considerada perigosa para o aumento do colesterol e doenças do coração.

Notar a organização do espaço na festa e comentar o poder do trabalho conjunto, unindo a comunidade sob uma liderança, no caso do candomblé exercida pela mãe de santo.

Analisar a relação do som com a dança. O que o samba tem em comum com as tradições africanas no Brasil? E a ala das baianas na escola de samba?



Analisar as vestimentas e os gestos. Chamar a atenção para os bordados dos vestidos e turbantes, além dos adereços, como colares e pulseiras. Lembrar que cada orixá ou santo tem suas características estéticas e de personalidade e procurar conhecer as cores e as comidas de cada um.

Introduzir os alunos a obras de arte da África. O livro de Heloisa Margarido Sales (2005) pode ajudar muito o professor. É pena que as imagens sejam em preto e branco, mas é possível encontrá-las coloridas no site do Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo.

Mostrar fotos de Seydou Keita (site da XXIV Bienal de São Paulo), fotógrafo africano contemporâneo, e analisá-las comparando costumes africanos de hoje no Brasil e no Mali. Com a professora de Geografia, identificar o Mali e suas características demográficas.

Identificar, em revistas, influências africanas na moda de hoje. Projetar um bordado para uma vestimenta de mãe de santo ou jóias a serem usadas no ritual, numa introdução ao design.

Califórnia – a beleza da boa vizinhança

O filme é excepcional. Uma câmera nervosa agitada acompanha o movimento acelerado do prédio. Comente a música. Leve os alunos a comentarem a divergência de opiniões sobre a vida no prédio. Uns dizem que tem fuxico, outros que não, uns falam de intimidade e outros de invasão de privacidade. O que significam?

Analisar a diversidade de apropriação de espaços iguais. Comparar as decorações dos apartamentos. Por exemplo, o dramático décor de Roger, o espaço claro e parecendo mais amplo das duas moças.

Que classe social habita o prédio? São todos da mesma classe social, como dizem? Lembrar que o prédio fica no bairro de Boa Viagem, onde o metro quadrado é o mais caro de Recife, e onde estão os mais chiques e caros prédios de apartamentos. Localizar a Califórnia no mapa de Boa Viagem, na Internet.

Uma discussão sobre planejamento urbano seria interessante com os mais velhos: as vantagens de um planejamento que permita várias classes sociais no mesmo bairro; a perversidade de jogar os pobres para bem longe de onde trabalham; o modelo que cria um cinturão de pobreza ao redor das cidades.

Se os alunos moram em apartamento, comentar a convivência em seus espaços. Sugerir que comparem a sala de sua casa com a sala de outro apartamento igual no mesmo prédio, observando se parecem do mesmo tamanho. Caso não pareçam, por que a ilusão de que um é menor que o outro?

Comentar a decoração do quarto de cada um. O que em seu quarto está ali não porque você precisa, mas porque acha bonito?

Depois de medirem seus quartos, como você planejaria uma mudança para ficar mais agradável? Se você divide o quarto com irmãos, consulte-os e faça no papel o planejamento (o design) de uma mudança no seu quarto. Iniciar os alunos em design de interiores, forma e função.

Eu e eu – a beleza do semelhante

Apresentaria esse filme primeiramente sem som. O filme privilegia a imagem e suas dubiedades. O texto desfaz as dubiedades. Por isso penso que as imagens deveriam ser exploradas em toda a sua

ambivalência, sem o texto. Estimular a conversar sobre as imagens, fazer notar o domínio da luz manejada pelo cineasta. A luz é uma espécie de personagem testemunha das imagens, mas ao mesmo tempo faz parte delas. A luz amarela das cenas do quarto contrasta magistralmente com a luz azul que, a partir da água, invade a cena da piscina. Levar a perceber os enquadramentos, como na primeira cena, em que as figuras femininas são enquadradas pelas máquinas da academia. Comentar a sensação de leveza ou outra que o grupo indique, provocada pela limpeza das imagens. Notar como a eliminação de detalhes concentra o foco na semelhança. A ausência de detalhes chega à abstratização das figuras, como no plano da piscina.

Colocar depois o filme na íntegra e dirigir os comentários para a diferença de percepção do filme com o som.

Procurar os raros detalhes que denotam que as gêmeas vivem uma duplicidade cultural, além da corporal. A estampa japonesa do lençol e o floreado ocidental do edredom apontam para a encruzilhada cultural em que vivem as personagens.

Conversar sobre interculturalismo. Que culturas dominam a casa de cada aluno? De onde vêm seus avôs? Que diversidade cultural trazemos de nossas casas? E na escola, como convivem diferentes culturas?

Como se dá a construção de identidade frente à semelhança pessoal e à diversidade cultural em que vivemos?<sup>1</sup> Não só os gêmeos são parecidos. Com quem você se parece em sua família? Preferiria parecer com quem? Há gêmeos em sua família? Com a professora de Ciências, conhecer o que é genética e clonagem. Escolher uma imagem

figurativa, clara, limpa, sem detalhes, que se assemelhe às imagens do filme e a partir dela construir outra (em pintura), tornando as figuras abstratas, como o cineasta fez na cena da piscina.

Id Amim – a beleza da natureza

O vídeo reduz o texto ao mínimo possível e, mesmo assim, o texto vira imagem, inserido em tarjas ou barras sobre a imagem, formando um poema quase concreto ou um hai-kai. A gramática visual é também de grande economia e se baseia na maior parte do filme em três elementos: a grama, a grade e o macaco. A tratadora aparece desenquadrada e dela é focalizada principalmente a mão. O vídeo é de grande rigor plástico e esse rigor é que seduz o observador.

Passar o filme por inteiro uma segunda vez, para que sejam anotadas as palavras escritas sobre as imagens. Reorganizar as palavras e acrescentar outras. Tentar escrever hai-kais a partir de imagens. Os alunos poderão também ser introduzidos pelo(a) professor(a) de Português à poesia concreta, principalmente aos poemas de Décio Pignatari (“Beba Coca Cola”, por exemplo) e a Ronaldo Azevedo, da primeira fase concretista (1956-76).

Propor aos alunos um trabalho que se reduza a apenas três elementos, formas ou figuras que podem ser repetidas como se queira, até o trabalho ser considerado terminado: uma pintura, escultura, instalação, desenho ou fotografia bem planejados.

Mostrar obras de Barbara Kruger e discutir a diferença de inserção de textos nas imagens nas obras dela e no filme Id Amim, de Eder Santos. Também sugiro mostrar aos alunos outras obras do artista Eder Santos (site Sesc Pinheiros).

<sup>1</sup>O livro Tópicos utópicos, de Ana Mae Barbosa (1998), pode ajudar o professor na discussão sobre identidade e interculturalidade.



## A Lua domina o mar – a beleza de lidar com a natureza

Esse filme alterna de maneira feliz cenas de paisagens amplas com cenas de aglomerado de pessoas, criando um ritmo que embala a percepção. O cineasta filma algumas pessoas perdidas na grande paisagem solitária e logo depois aglomerados de pessoas ou de peixes. A filmagem algumas vezes se faz com a câmera andando e outras com a câmera parada. Se o professor estiver preparado, chegou a hora de dar algumas informações sobre a linguagem cinematográfica. Por exemplo: o que é plano, contraplano, travelling, plano americano, roteiro, montagem, etc.

O ideal seria convidar a classe para fazer um ou dois vídeos. Dividir os alunos em grupos, levá-los a planejar os vídeos e entregar uma ou duas câmeras a eles, sem deixar de analisar criticamente o resultado final. Na impossibilidade da filmagem, pode ser interessante propor que desenhem uma história em seis ou oito quadros, alternando cheio e vazio.

Levá-los a ver as marinhas de Pancetti seria um bom momento para discutir que arte não é transcrição, mas pode ser a interpretação da natureza. A Coleção Roberto Marinho tem as melhores obras de Pancetti. Recomendaria especialmente as que ele fez sobre a Lagoa do Abaeté, que chegam a parecer, em parte, abstrações. As obras de Nuno Ramos apresentadas na exposição do Centro Cultural do Banco do Brasil em São Paulo, usando barcos abandonados para moldar a areia, poderiam também ser mostradas e gerar uma discussão sobre o modernismo de Pancetti e a arte contemporânea.

A Lua domina o mar convida à interdisciplinaridade desde a teoria das marés, que os pescadores

manejam tão bem, até a frase dita por um deles: “Ser pescador é saudável”.

Os filmes A igreja universal de Juraci e Som do barro são muito bons para salientar a beleza do diferente. De tão bem estruturados, são auto-explicativos. A filmagem é, além de bonita, muito didática. Apresentaria aos alunos os dois filmes em ocasiões diferentes e os estimularia a comentá-los de maneira mais livre. Poderia até levá-los a comparar os dois filmes e as mentes dos protagonistas. Um se baseia em instrumento culturalmente conhecido, de origem africana, a ocarina, e o expande empiricamente. A partir da experiência material, cria outros instrumentos. O artista opera com informação, experimentação, imaginação, domínio da técnica do barro e do som e nunca perde a relação com o mundo real. A outra também se baseia em informações (raio laser), hábitos sedimentados (arrumar a casa), técnicas estabelecidas, como a costura, tudo unido por uma organização mental caótica, mas que é sua forma de se ligar ao mundo real. Ambos os protagonistas nos colocam diante da beleza dos processos de transformação que o ser humano usa para atuar no mundo com mais ou com menos lucidez.

No filme Motricidade, o texto e a imagem são tão bem entrelaçados que intervenções pedagógicas

podem enfraquecer sua força. É deixar ver o filme, experimentar movimentos cotidianos, abstrair a ação real e repeti-los como construção simbólica, como recomenda Ivaldo Bertazzo no próprio filme. Pode-se acrescentar um vídeo do grupo de dança desse artista e, dependendo do interesse dos alunos, falar da gramática do movimento de Laban. Assim estaria cumprido o circuito ensino/aprendizagem.

Falei dos filmes como se constituíssem o currículo de um ano. Por isso, poderíamos dar autonomia aos alunos para expandir o assunto dos três últimos filmes. Afinal, eles já teriam a experiência de pensar além da imagem. Depois de um curso como esse, os alunos estariam preparados para usufruir do mundo com muito menos preconceito e mais intensamente.

Tenho críticas negativas apenas a dois filmes: Cabeça, mão e dedo do pé, que, apesar do excelente título e de focar aspectos muito importantes, como o poder do ser humano em transformar, é confuso e daria pelo menos dois excelentes programas. A transformação do lixo descartável em algo utilizável e bonito poderia ser o centro de um programa que enfatizasse a ecologia e a beleza do cuidado com a natureza. A ele se poderia acoplar a taxidermia, a preservação de espécies além da vida. Outro programa poderia enfatizar a beleza da força de vontade para superar dificuldades à primeira vista intransponíveis. Essas dificuldades poderiam ser físicas, como as de Ronaldo, ou econômicas ou de outra categoria, mantendo a idéia de superação como uma experiência de preenchimento, portanto, de beleza. Os três casos, o criador de formas a partir do lixo descartável, o taxidermista e o deficiente físico que se comunica através do computador parecem arranjo forçado.

Outro programa que poderia ganhar com mudanças seria Eu e meu irmão. Começa bem, mas manipula com emoções fáceis (que crianças fofinhas!) e na maior parte do tempo há uma indefinição de situações que desinteressa o espectador. Eu e meu irmão parece vídeo caseiro. Seria essa a idéia? As imagens do cotidiano reclamam um distanciamento crítico maior por parte de quem as produz para poder provocar o espectador. Por outro lado, por que só meninos? Uma menina e seu irmão mudariam o foco e seria mais democrático do ponto de vista de gênero. Nesses dois filmes, a qualidade cinematográfica ou da imagem não transparece em sua plenitude. A imagem e a idéia não se desenvolvem além do óbvio.

#### REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- JAY, Martin. Scopic regimes of modernity. In: FOSTER, Hal (Ed.). Vision and visibility. New York: Dia Art Foundation, 1988.
- PARSONS, Michael. Compreender a arte. Lisboa: Presença, 1995.
- SALES, Heloisa Margarido. Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.